



FABIANA APARECIDA NEVES

Avaliação da aprendizagem escolar: um ato amoroso

Lavras – MG

2021

FABIANA APARECIDA NEVES

Avaliação da aprendizagem escolar: um ato amoroso

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador: José Roberto da Silveira

Lavras – MG

2021

Avaliação da aprendizagem escolar: um ato amoroso

Autora: Fabiana A. Neves

Orientador: José Roberto Silveira

RESUMO

Trata-se de uma análise sobre a avaliação da aprendizagem no ensino fundamental, através de uma resenha crítica, com o objetivo de verificar e apresentar possibilidades de intervenção pedagógica na avaliação em situações de dificuldades ou descompasso com metas esperadas. Pressupõem-se assegurar avanços no processo avaliativo, buscando repensar as formas de avaliação da aprendizagem comumente aplicadas pelas escolas, de forma a potencializar os resultados alcançados. A pesquisa consistirá em uma revisão de literatura baseada especialmente em Luckesi (2002), que apresenta a perspectiva da avaliação amorosa sem ser permissivista, sendo um processo estimulador e inclusivo, organizado de forma circular para se atingir as metas especificadas no Projeto Político da Escola. Passaremos pela obra de Moretto (2014) que discute com muita clareza e exemplificando a questão do avaliar, que está diretamente relacionada com o processo de ensino e a percepção do entendimento do aluno. Pretendemos mostrar que o processo de avaliação escolar deve ser um ato de acolhimento, diagnóstico e decisões assertivas, e não como ainda se apresenta na contemporaneidade como um ato simplesmente classificatório, onde o aluno é julgado como “aprovado e reprovado”. Busca-se mostrar que a solução para uma avaliação amorosa passa pela formação inicial e continuada dos professores que caminhe junto a essa proposta pedagógica.

Palavras chaves: avaliação da aprendizagem; ato amoroso; acolhimento.

ABSTRACT

This is an analysis of the assessment of learning in elementary school, through a critical review, with the aim of verifying and presenting possibilities for pedagogical intervention in the assessment in situations of difficulty or disproportion with expected goals. It is supposed to ensure advances in the assessment process, seeking to rethink the forms of learning assessment commonly applied by schools, in order to enhance the achieved results. The research will consist of a literature review based especially on Luckesi (2002), who presents the perspective of loving evaluation without being permissive, being a stimulating and inclusive process, organized in a circular way to achieve the goals specified in the School Political Project . We will go through the work of Moretto (2014), who discusses very clearly and exemplifies the issue of evaluating, which is directly related to the teaching process and the perception of the student's understanding. We intend to show that the school evaluation process should be an act of reception, diagnosis and assertive decisions, and not as it still presents itself in contemporaneity as a simply classifying act, which the student is judged as "passing and failing". It seeks to show that the solution for a loving evaluation involves the initial and continued teachers training which goes together with this pedagogical proposal.

Key words: learning assessment; loving act; reception.

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, a avaliação ainda segue sendo um julgamento final, com critérios invariáveis e muitas vezes, inflexíveis, um fator limitante tanto para os julgados positivamente, já que os levam a crer que estão prontos, quanto aos julgados negativamente, os quais reconhecem nessa perspectiva uma condenação irreversível.

Mediante as dificuldades impostas atualmente à melhoria da qualidade da educação, observa-se que a avaliação destaca-se como um conjunto de conhecimentos imprescindíveis ao cotidiano docente, uma vez que se constitui como prática reflexiva do processo ensino e aprendizagem.

Assim, pensar em avaliação no contexto escolar é pensar em tomada de decisões para que se possa melhorar o ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos. Importa refletir sobre como direcionar a avaliação para esse caminho, o que supões pensar no objetivo de avaliar e perguntar-se sobre as funções da avaliação.

Destacaremos o papel da avaliação diagnóstica e como esta está intrínseca ao processo de aprendizagem. Analisaremos Luckesi (2005) no contexto da avaliação ser processual, dinâmica e inclusiva. Nesse contexto, a disposição para acolher é, portanto, o ponto de partida para qualquer prática de avaliação e é isso que demonstraremos neste artigo. Buscaremos entender o que é uma avaliação amorosa, sendo um processo permanente na educação.

Neste artigo, serão apresentados os métodos que as escolas tem utilizado para avaliar seus alunos, demonstrando tais métodos a partir da análise da avaliação tradicional e da avaliação da aprendizagem, abordando prioritariamente os aspectos positivos da avaliação da aprendizagem escolar, qualificando o ato de avaliação da aprendizagem como um ato amoroso.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. A avaliação – dúvidas e medos

No âmbito das instituições de ensino, é costumeiramente certo que, em geral o professor demonstra grande dificuldade em avaliar, acabando, em muitos casos, elegendo modelos de avaliação como instrumento para punir e vigiar alunos, impondo-lhes esse terror chamado “avaliação” ou, o que é mais drástico “a prova”.

Importa observar, com mais acuidade, que muitas das práticas de avaliação são completamente distantes do que foi ministrado em sala de aula, fato esse observado desde o Ensino Básico ao Ensino Superior. Observa-se, com frequência, que um professor que usa muitos debates e discussões em suas aulas acabam caindo na “pegadinha” de elaborar uma prova em que a associação e a reflexão não estejam presentes, cedendo espaço para uma simples memorização, por se tornar um modelo de prova mais simples e menos trabalhoso de corrigir – é certo ou errado, não há o que pensar.

Entretanto, a avaliação precisa estar alinhada no contexto da “produção apropriada coletiva do conhecimento” (RONCA; TERZI, 1991, p. 57). Dessa forma, também deve se alinhar às dimensões relacionadas com as práticas de leitura e escrita e com o contexto de aula, trazendo ao topo as relações estabelecidas entre o aluno e o mundo que o rodeia. Importante ressaltar que a avaliação dos estudantes deve ser um meio para que os educadores tenham um norteador do processo de ensino na instituição em que atuam, a fim de ser um suporte importantíssimo na revisão constante do seu projeto político pedagógico.

Assim, a avaliação passa a ser um instrumento capaz de oferecer subsídios bastantes ao professor a fim de que ele possa compreender como está se processando a organização do conhecimento e o desenvolvimento do pensamento do aluno. Bem como afirmam Depresbiteris e Tavares (2009, p. 9), uso “apropriado de medidas, com a devida integração no processo de ensino e avaliação, é caminho inquestionável na garantia da qualidade de ensino e da aprendizagem”.

Importante salientar que um aspecto fundamental da escola na vida do aluno é o de transformar este em um ser capaz de modificar o seu entorno, preparando-o como cidadão, não só o designando normas de convivência social. Nesse aspecto uma das funções sociais da escola seria especialmente analisar a importância suma

de socializar o sujeito, sendo tal processo dado em duas etapas: a socialização primária e socialização secundária. Segundo Moretto (2014),

a primeira obedece ao período em que o indivíduo se torna membro de uma sociedade por meio dos primeiros elementos transmitidos pela educação em família e a segunda corresponde a um período em que o indivíduo se conscientiza da complexidade cada vez maior da realidade social na qual está inserido e aprende a analisá-la para compreender seu contexto social. (MORETTO, 2014, p. 47)

Nesse sentido, ajudar a formar o cidadão intrínseco ao aluno pressupõe que o professor assuma o papel de catalisador do processo de aprendizagem, sendo este um planejador e facilitador de processo de aprendizagem, “considerando sempre, quatro fatores essenciais: suas qualidades pessoais, as características dos seus alunos, as especificidades da disciplina que leciona e os recursos disponíveis na escola” (MORETTO, 2014, p. 54).

Aqui explicita-se o valor de se pensar em um modelo amoroso e tangível que avaliação, onde tanto o aluno quanto o professor exercem papel preponderante no processo de aprendizagem, não podendo haver na sala de aula um aluno simplesmente “escutador” e um professor “falador e avaliador”. Importa haver uma interação dinâmica, interativa, visto que o aluno já traz consigo um vasto conhecimento de mundo, que podem ser mutáveis e modificados com o auxílio do professor. Sendo assim, a avaliação da aprendizagem precisa ser resignificada, desmitificando o papel de um que avalia (o professor) sem considerar que as aprendizagens do outro (o aluno) nem sempre se enquadrarão nesse formato de avaliação tá difundido e, até mesmo, imposto nas escolas de maneira fim.

2. Modelos de avaliação

2.1. Um pouco da história recente da avaliação

Comumente elaboradas em estilo de perguntas e respostas, assemelhando-se a questionários, as avaliações exigem respostas que levam a uma memorização de fatos, ideias, datas e fórmulas, sem que os estudantes possam estabelecer uma relação mais aprofundada com o conhecimento: as provas tais como são elaboradas e aplicadas levam os alunos a uma relação imediatista com o conhecimento. Eles

estudam na véspera das avaliações, decoram toda a matéria e esquecem tudo o que foi preciso para aquela avaliação tão findo o período. Há uma apropriação estanque das informações “ensinadas” e com o mundo que os cerca, já que se percebe que não as entendem como necessárias para a construção do conhecimento e apreensão de novas informações, sendo um conteúdo segmentado: a matéria do primeiro bimestre, a matéria do segundo bimestre, etc.

Importante salientar que a ideia de prova como único instrumento “balizador da aprendizagem” vem junto com as ideias positivistas que influenciaram a educação brasileira no início do século XX, correspondendo de imediato à necessidade da produção econômica, emoldurando ideologias políticas e socioeconômicas emergentes. Nesse aspecto, o Positivismo se afastava de qualquer interpretação metafísica da realidade e da experiência, sendo impulsionado pelo avanço das ciências naturais, como a Biologia e a Física, e por seus métodos e princípios de conhecimento e interpretação de fenômenos sociais, geralmente baseados nas experimentações com perguntas e repostas rápidas e objetivas.

2.2. As necessidades do mundo contemporâneo

A cultura, a economia, as práticas sociais e humanas do mundo contemporâneo trouxeram mudanças nas necessidades educacionais e de aprendizagem do homem atual. Primeiramente, o que achamos presentemente como informações válidas, úteis, são bastante efêmeras e rapidamente ficam defasadas, superadas, pois o avanço tecnológico e científico trazem novas descobertas que as atropelam e as superam, quase instantaneamente. Em segundo lugar, o volume de informações disponibilizado quase que instantaneamente e cada área do conhecimento é imensurável, impossibilitando a qualquer profissional obter o domínio e o controle de todas as informações relevantes geradas em sua área de atuação, por mais capacitado que seja, visto que muitas das novas informações que lhe escapam.

Estar atentos às constantes mudanças no mundo é primordial para que os educadores possam ressignificar constantemente sua prática pedagógica, se inteirando das novas possibilidades conexão entre o mundo e a sala de aula. Esse contexto exige que tenhamos cada vez mais a necessidade de uma reflexão crítica mais coletiva, aulas mais dinâmicas que priorizem o conjunto pensar, argumentar e

agir, operacionalizadas a partir de procedimentos que também abarquem a nova concepção de Letramento.

Atualmente, o letramento não se refere apenas às habilidades de ler e escrever como práticas relacionadas tão somente à linguagem verbal, pois também agrega a comunicação visual e sonora, incluindo recursos gráficos, imagens, cores, a disposição do espaço físico da comunicação, etc. Como indica STREET (apud VIEIRA, 2007, p. 24), “é possível agora falar de multiletramentos, como o letramento computacional, o visual, o tecnológico, entre outros”.

Segundo Rojo (2009),

a concepção de multiletramentos é a de que, na sociedade letrada em que vivemos, para que ocorra uma comunicação efetiva é necessário darmos conta, além dos gêneros específicos das práticas sociais, de semioses, imagens, gestos (multimodalidades), que exigirão uma autonomia e nível de letramentos em diferentes eventos. (ROJO, 2009, p. 23)

Nessa percepção de considerar os multiletramentos (ou da multimodalidade) como nova forma de aprendizagem, importa salientar que do sujeito letrado exigem-se habilidades interpretativas básicas que atendam às necessidades cotidianas, tais como as exigidas pelos locais de trabalho, sendo que as habilidades textuais do ser letrado necessariamente devem acompanhar os avanços tecnológicos, visto que desses sujeitos será sempre exigida a capacidade de mover-se rapidamente entre diferentes letramentos.

Nesse sentido, os modelos de avaliação que são um reflexo dos modelos de aula, devem, portanto, funcionar como momentos privilegiados de estudo e não como um “acerto de contas”; de compreensão da realidade, de manipulação, de observação questionadora e de argumentação que estimulem a capacidade criadora. Ao contrário, diante de tal quadro das necessidades atuais, é fato que é preciso repensar os modelos de avaliação utilizados.

Dessa forma, são importantes alguns pressupostos para uma avaliação mais justa, amorosa e eficiente. A avaliação deve ser significativa para a aprendizagem, visto que ela só conseguirá exercer seu papel de melhoria dos desempenhos dos alunos se fizer sentido para eles. Além disso, é fundamental que o professor possa diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos, dado que os conhecimentos sobre

a realidade implicam diferentes representações, fatos, experiências, casos pessoais, atitudes e normas.

O estudante enfrenta um novo conteúdo a ser aprendido com base em uma série de conceitos, concepções, representações e conhecimentos adquiridos no decorrer de experiências anteriores. A partir dessa informação, é necessário buscar avaliar o esforço profundo dos alunos, pois demonstra a capacidade do mesmo em buscar as relações para a compreensão do que lhe é proposto. Tal esforço leva ao fato de que o aluno busca não só cumprir os requisitos da tarefa, mas refletir sobre seus propósitos, focalizar os elementos relevantes e integrar os princípios.

Além disso, enfatizar o papel da metacognição é fundamental, pois os instrumentos de avaliação devem verificar não só a correção e a incorreção das respostas, como também proporcionar informações funcionais sobre os processos utilizados pelos estudantes. Também as avaliações devem estimular a resolução de problemas, pois tal atitude requer a utilização de estratégias, técnicas e habilidades previamente exercitadas. Ao observar estas estratégias, o professor ajuda o aluno a aprimorar suas formas de pensar.

Não podemos deixar de imprimir à avaliação uma dimensão diagnóstica, formativa e mediadora. Aqui é importante salientar que a avaliação diagnóstica objetiva verificar a presença ou não de conhecimentos prévios dos alunos; a avaliação formativa possibilita melhorias no processo de ensino e aprendizagem; e a avaliação somativa, com caráter mais final em relação às outras duas avaliações, visa verificar o conjunto de conhecimentos desenvolvidos em certo período. Uma avaliação diagnóstica bem fundamentada evita prejulgamentos, pois o professor passa a considerar as primeiras informações que tem do aluno como hipóteses profissionais que exigirão confirmação ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

É necessário também, no processo avaliativo, considerar a multiplicidade de critérios de julgamento, evitando o pensamento dicotômico: sim ou não, certo ou errado; diversificar instrumentos e questões de avaliação, o que se torna essencial para se avaliar o grau de subjetividade e se o aluno responde bem apenas pelo modelo de avaliação e não de conhecimento do conteúdo a ser avaliado. É importante estimular situações de avaliação que levam ao exercício da capacidade argumentativa dos alunos, por ser esta capacidade inerente a qualquer uso da linguagem.

Outro fator importante é reconhecer que a prova é sempre uma relação pessoal ou interpessoal e portanto, deve haver constante e acentuada preocupação em

explicar cuidadosamente cada questão, com clareza na proposição do enunciado e cuidado na apresentação de orientações básicas a saber: a) traduzir a realidade nas inúmeras questões de prova, o que possibilita a relação aluno-mundo, demonstrando as diferenças, as pluralidades e as desigualdades; b) estabelecer a relação com o Ler, dado que o texto tem como meta apresentar o contexto, tornando a análise mais profunda e abrangente; c) estabelecer a relação com o Escrever, pois é necessário espaço, amplo e extenso, onde o aluno possa ver concretamente a possibilidade de escrever e a sua percepção não possa ser barrada. Atente-se que tanto nesse pressuposto quanto no anterior, é importante observar a necessidade de se trabalhar com a diversidade de gêneros discursivos, ampliando a perspectiva do letramento dos alunos.

Por óbvio, caberá ao professor marcar a hierarquia entre os pressupostos identificáveis na sua proposta de avaliação, adequando-os aos objetivos que persegue.

2.3 A Avaliação da aprendizagem

Foi o educador norte-americano Ralph Tyler que em 1930 cunhou o termo “avaliação da aprendizagem”. Tyler defendia a ideia de que avaliação poderia e deveria subsidiar um modo eficiente de fazer o ensino, abordando procedimentos avaliativos e mostrando a avaliação como a atividade final para alcançar os objetivos.

Libâneo (1982, p. 26) reconhece que “a avaliação da aprendizagem é um âmbito da ação pedagógica em que os professores são mais resistentes às mudanças”. Isto posto, percebe-se que a prática da avaliação da aprendizagem demora a ser mudada, visto que é um processo doloroso para quem, por anos, acostumou-se a fazer e repetir sempre da mesma forma. A avaliação deveria ser um ato amoroso, porém vivemos em uma sociedade que encara o cotidiano muito mais com a razão do que com a emoção.

Atualmente o termo avaliação já foi apoderado pelos educadores. No entanto, o que se vê na prática é a realização de provas/exames, pois como já foi dito, são mais fáceis de serem executadas. Entretanto, caem no campo do julgamento, seleção, exclusão, enquanto a avaliação, como deve ser feita amorosamente, é sinônimo de acolhimento, transformação: as finalidades de ambas, então, se contrapõem.

Há aqui uma grande diferença entre as provas e a avaliação da aprendizagem. Se por um lado a avaliação da aprendizagem é acolhedora, construtiva e amorosa, por outro as provas/testes caem sempre no lugar da exclusão e classificação, por muitas vezes submetendo os alunos ao medo. A avaliação não pode ser, mais uma vez, um “acerto de contas”: não pode ser temida, não pode desencadear reações até orgânicas. Deve ser uma “parceira” do professor e do aluno. Para tanto, o professor deve considerar alguns pontos importantes na hora de avaliar como saber acolher, aceitar o aluno do jeito que ele é, entender suas dificuldades e seu comportamento. Não há como avaliar um aluno se não estivermos próximos a ele, se não o acolhermos, observá-lo e compreendê-lo.

Luckesi (2002) defende que a avaliação tenha como principal objetivo o comportamento do aluno em sala de aula, portanto observando seu desempenho, a fim de reorientá-lo e produzir melhores resultados:

O ato de avaliar, por sua constituição mesma, não se destina a um julgamento “definitivo” sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois que não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão; destina-se a melhoria do ciclo de vida. Deste modo, por si, é um ato amoroso. Infelizmente, por nossas experiências histórico sociais e pessoais, temos dificuldades em assim compreendê-la e praticá-la. (LUCKESI, 2002, p. 180)

Note-se que o acolhimento, portanto, é o princípio do ato de avaliar. Está presente no cotidiano de todos. Assim, avaliar o aluno que tenha dificuldade só acontece de maneira satisfatória se o aluno for incluído no círculo de aprendizagem, sem julgamentos positivos ou negativos do estudante antes mesmo de conhecer suas características, vulnerabilidades e potencialidades.

Ao citar uma passagem bíblica onde Maria Madalena é julgada pelos fariseus e Jesus se manifesta ao em seu favor, defendendo-a, Luckesi (2002, p. 183) exemplifica bem o que é o acolhimento e, por tabela, como aplicá-lo no processo de avaliação. Assim, Jesus acolhe, insere Maria Madalena a sociedade, (que era muito rígida na época), a traz para perto de si, de modo que se percebe, neste ato, uma transformação. Maria Madalena se sente acolhida de tal maneira que passa a ser uma discípula de Jesus, não voltando a pecar mais.

Aqui temos um exemplo claro de que o acolhimento aproxima e o julgamento afasta. Seguindo a ideia de acolhimento, existem dois processos que são

concomitantes e sequenciam o ato de avaliar, que são o diagnóstico e a decisão. O diagnóstico é a constatação, pelo professor, de como o aluno realmente é e como ele é qualificado, atribuindo qualidades satisfatórias ou insatisfatórias, seguindo padrões e critérios pré-determinados para que, na sequência, se tome decisões. Após ser qualificado, o que fazer com o aluno? Dar um suporte de mudança e ajudá-lo se for necessário? Ou simplesmente o excluir?

O aluno só aprende se reconstruir o conhecimento. Assim, ele não terá uma aprendizagem significativa apenas escutando, copiando e atuando de modo passivo e, por vezes, negativo na hora de realizar a prova. Dessa forma, é o professor que possibilitará ao estudante oportunidades de reconstruir o conhecimento socialmente produzido. Cabe ao professor cuidar da aprendizagem do aluno com dedicação e persistência, não “dando aulas”, mas buscando conhecer cada aluno em suas particularidades, analisando continuamente se os alunos estão aprendendo, visto que quanto mais se conhece o aluno, mais positiva será a intervenção pedagógica. Pensando na avaliação como um processo intrínseco à ação pedagógica, torna-se fundamental associar a avaliação com ações acolhedoras, interativas e inclusivas.

Observamos que avaliar amorosa e democraticamente vai contra qualquer tipo de exclusão. Avaliar não pode ser um julgamento definitivo tampouco um ato seletivo, pelo contrário, deve consistir em um diagnóstico com vistas à melhoria do ciclo educativo.

A avaliação não é, portanto, um fim. É o recomeço, onde o aluno aprende, se reconstruindo de dentro para fora. Nesse sentido, não deve ser percebida apenas como um entendimento imediato do aluno, mas como uma reflexão sobre a prática ao longo do que foi ensinado, para que o professor tenha informações suficientes para acompanhar os alunos e, conseqüentemente, contribuir na evolução dos estudantes, respeitando o ritmo de cada um.

Hoffman (1993, p. 49) afirma que “ainda persiste no contexto educacional um regime autoritário que reflete nas avaliações, com professores que ainda insistem em classificar os estudantes com o rigor que era usado em gerações passadas”.

Refletindo nessa questão, torna-se fundamental que o professor observe o desempenho e desenvolvimento dos estudantes cotidianamente, a fim de, ao final do planejamento das atividades, a avaliação seja uma “parceira” do processo ensino-aprendizagem, sinalizando o que deve ser modificado na maneira como o conhecimento é produzido.

Importante salientar que a aprendizagem tem um sentido amplo, sendo um tema amplamente discutido. O sistema escolar gira em torno do processo de avaliação, e tanto professores quanto alunos se organizam em função da avaliação. Entretanto, muitos professores não conseguem tornar o processo avaliativo em algo que não seja apenas uma cobrança de conteúdo, o que gera um desconforto visto que se tem a sensação de não conseguir atingir as metas de aprendizagem. Tal fato não difere para os estudantes, pois o processo de avaliação também é assustador, é o momento de “acertar” as contas com o professor. Para os pais ou responsáveis, as notas nem sempre correspondem à realidade, visto que as notas quantitativas traduzem uma satisfação do ensino que é repassado ao seu filho, muitas vezes de forma que não corresponde à realidade.

Nesse contexto, a avaliação precisa ser revista e passar a assumir outra função no processo pedagógico. Como parte intrínseca do processo ensino-aprendizagem, não deve ser concebida meramente como um repassar de conteúdos prontos e acabados, onde o aluno tem a obrigação de devolver ao professor o conteúdo que recebeu ao longo das aulas.

Moretto (2014) explica que

em uma perspectiva construtivista sociointeracionista, a relação entre o professor, o aluno e o conhecimento parte do princípio que o aluno não é um simples acumulador de informação, pelo contrário, o estudante é construtor do seu próprio conhecimento. (MORETTO, 2014, p. 83)

Assim, a construção do conhecimento é um processo interior do sujeito da aprendizagem, estimulado por condições externas criadas pelo professor, que assume, assim, o papel de mediador do processo de aprendizagem.

2.4 A Avaliação amorosa

Ao pensar em uma avaliação acolhedora e amorosa, compreendemos que todos os estudantes se apresentam como um conjunto de ações biológicas, físicas, psicológicas e cognitivas funcionando tal qual um relógio, note-se que quando uma das partes para de funcionar o todo acaba sendo atingido. Isso não é diferente no processo de aprendizagem.

Ao chegar na escola, o aluno já traz junto consigo uma bagagem de vivências. Nesse contexto, frente a tantas mudanças ocorridas, avaliar a aprendizagem apenas por provas e testes vem deixando nos alunos medos, traumas que refletem na saúde física e mental dos estudantes, que por vezes fazem uma imagem do professor como um perseguidor, deixando marcas profundas.

Pela avaliação, nós professores, muitas vezes, “matamos” nossos alunos, matamos a alma bonita e jovem que eles possuem; reduzimos sua criatividade, seu prazer, sua capacidade de decisão. E a seguir, reclamamos que nossos alunos não são criativos. Como poderão ser criativos, se estivemos, permanentemente, a estiolá-los aos poucos com nosso autoritarismo arbitrário? (LUCKESI, 2003, p.76).

Quando a capacidade criativa de um aluno diminui, o que ele faz de melhor é gradualmente sufocado. Nossa memória tem uma capacidade extraordinária de registrar tudo o que aprendemos, mas muitas vezes não consideramos isso na escola, fazendo com que os alunos percam o interesse todos os dias e se percam. Piaget explica (1988, p. 41) que:

O sentimento que a criança tiver experimentado no passado, na família e com os professores, orientará os sentimentos futuros. É nesse sentimento primitivo que irá moldar as emoções e comportamentos mais profundos. Portanto, a afetividade na fase escolar e na adolescência do educando se apoia na direta relação afetiva dos pais e professores. (PIAGET, 1988, p. 41)

Quando as crianças chegam ao ambiente escolar, acabam por perceber o sentimento de dominação entre elas. Este sentimento é geralmente o que vivenciam em casa e pode ser exacerbado na escola, em casa, como uma forma de punição ou como ameaça. Infelizmente, alguns professores corroboram para essa questão: dizem que se você não se sair bem no exame, pode ser reprovado, e tais atitudes podem causar uma dor nos alunos que pode percorrer toda a vida escolar dos estudantes.

Na prática escolar, é possível perceber quantas crianças estão sendo submetidas diariamente a esse tipo de cobrança, sendo que muitas delas não tem a mínima ideia de como reagir frente a esta situação porque não se desenvolveu nas mesmas o espírito de autonomia, ficando à mercê de alguém que as guie. Isso mostra como os problemas emocionais podem ser ainda maiores.

Os problemas emocionais costumam manifestar-se em forma de ansiedade ou angústia, acompanhadas de manifestações de tristeza, choro, retraimento social, dificuldades de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse acadêmico, dificuldades de concentração, mudanças no rendimento escolar e relação inadequada com o professor e com os colegas. A gravidade desses problemas emocionais é muito variável, pois tanto podem ser psicoses infantis ou manifestações de situações conjunturais de estresse mais relacionadas com a vida cotidiana familiar, escolar ou social (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2007, p. 115).

Alguns problemas emocionais surgem na infância e se acumulam ao longo da vida, desenvolvendo distúrbios, comportamento desviante e até psicose. Atrás de suas vidas, há uma rede de vivências conjunturais que os afeta à medida que as coisas ficam cada vez mais exigentes. As relações familiares estão em grande risco porque as estruturas familiares são diferentes, o que as torna diferentes do passado, os alunos podem estar num ambiente familiar fortemente organizado, mas na escola enfrentam uma realidade diferente e podem surgir problemas, ou vice-versa. Portanto, os ambientes escolar e familiar podem levar a grandes problemas quando não são resolvidos.

Nesse aspecto, para muitos professores, a dimensão afetivo-emocional está intrinsecamente relacionada ao sucesso ou fracasso escolar. Constantemente, tal afirmativa é utilizada para justificar o não aprender. Grosso modo, o enfoque dessa dimensão limita-se quase exclusivamente a um ponto de vista enfocando a falta, a carência, as impossibilidades. Tal fato fica mais legitimamente visível quando se dá o processo de avaliação da aprendizagem.

Uma forma de castigar um pouco mais sutil [...], que existiu no passado e ainda existe, é a prática pela qual o professor cria um clima de medo, tensão e ansiedade entre os alunos: faz uma pergunta a um deles, passando-a para um segundo, terceiro, quarto, e assim por diante, gerando tensão nos alunos que podem vir a ser os subsequentes na chamada. Deste modo, a classe toda fica tensa, já que cada um espera ser o próximo. (LUCKESI, 1997, p. 49)

Portanto, é necessário que a afetividade entre em cena e transcenda a crise atual de aprendizagem para um novo plano, o plano da emoção a fim de se resolver uma parte dos problemas cognitivos, emocionais e físicos que surgem nos espaços escolares.

Alunos que precisam de afeto. E só há educação onde há afeto, onde experiências são trocadas, enriquecidas, vividas. O professor que apenas transmite informação não consegue perceber a dimensão do afeto na aprendizagem do aluno. (...) Que o professor amenize esse sofrimento e auxilie o desenvolvimento harmônico do aluno (CHALITA, 2001, p. 248).

A criança também traz para o ambiente escolar toda a carga emocional de seu desenvolvimento com a família, portanto, problemas emocionais surgirão nos contatos que serão feitos, e as crianças que desenvolveram inteligência emocional saberão lidar com as frustrações que esse ambiente e seu respectivo relacionamento com o mesmo tem. A tarefa do professor e dos profissionais envolvidos nesta relação é proporcionar uma compreensão amigável e completa do ambiente para que as crianças possam desenvolver todo o seu potencial. O ser humano se diferencia em vários aspectos, como inteligência, habilidades, padrões de conhecimento que utiliza, estratégias de aprendizagem, interesses, expectativas e motivações, os quais influenciam os processos de ensino-aprendizagem de forma distinta e especial para cada um. .

Em resumo, o desenvolvimento satisfatório do aluno no espaço escolar depende, e muito, de seu estado emocional. Naturalmente, alunos que dormem tarde e acordam cedo não realizam as horas diárias de sono importantes para o descanso, podendo ocorrer durante as aulas picos de sonolência que podem interferir no aprendizado. Por outro lado, alunos que convivem em um ambiente familiar hostil e conflituoso demonstram necessidades de carinho e atenção e não conseguem se concentrar nas aulas, visto que aquilo que precisava receber em casa ele tem que buscar em outros ambientes.

Diante dessas situações e de tantas outras que podem surgir, visto que não somos ilesos às intempéries emocionais, os alunos somatizam tudo e quando chega o dia da avaliação, da “prova”, eles entram em conflito interno com o exterior, não conseguindo lidar com o sucesso, focando nos aspectos em que se enxergam como maus ou fracos e que não sabem de nada. Por isso, o professor precisa balancear não só o ensino em questão, mas a experiência do aluno. Nesse ponto, voltamos ao processo de elaborar o processo avaliativo, uma vez que usar apenas a rota de classificação seria igualar todos, medir a todos como a “mesma régua” sem considerar suas especificidades. Necessário uma mediação diagnóstica para intervir na

aprendizagem desses alunos e não causar tantos danos emocionais e afetivos quanto podem deixar rastros para a vida.

Vasconcellos (1995, p.37) nos expõe que:

A prática da avaliação escolar chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais: mal-estar, dor de cabeça, “branco”, medo, angustia, insônia, ansiedade, decepção, introjeção de autoimagem negativa. Uma escola que precisa recorrer à pressão da nota logo nas series iniciais, é certamente, uma triste escola e não está educando, é uma escola fracassada. (VASCONCELLOS 1995, p.37)

Dessa forma, a avaliação independente da forma como é desenvolvida pode causar sérios prejuízos aos alunos e deve ser abordada de forma que não cause medo, angústia, ansiedade e outros fatores psicoafetivos. As escolas que usam a avaliação para impor “terror” aos alunos não promoverão a autonomia, muito menos se tornarão escolas libertadoras, contrariamente, promoverão o verdadeiro fracasso, aumentando as taxas de reprovação e usando medos ainda maiores.

Para que não haja, nos alunos, esse sentimento de exclusão e para que os mesmos percebam a avaliação com um enfoque mais positivista, uma boa alternativa a autoavaliação, onde Sant’Anna explica:

A auto avaliação é capaz de conduzir o aluno a uma modalidade de apreciação que se põe em prática durante a vida inteira. Graças a ela os alunos adquirem uma capacidade cada vez maior de analisar as suas próprias aptidões, atitudes, comportamentos, pontos fortes, necessidades e êxitos na concepção de propósitos. Eles desenvolvem sentimentos de responsabilidade pessoal ao apreciar a eficácia dos esforços individuais e de grupo. Aprendem a enfrentar corajosamente as competências necessárias em várias tarefas e a aquilatar suas próprias potencialidades e contribuições. Uma vez que se espera do aluno a responsabilidade por sua própria aprendizagem, é importante que se considere que isto somente ocorrerá se ele tiver uma visão clara do eu está tentando obter e de como está agindo a respeito. Quando o desejo de melhorar ocorre, como decorrência de suas percepções e análises, ocorrerão melhores condições para se aperfeiçoar. (SANT’ANNA, 1998 p. 94).

Nesse sentido, o aluno passa a ter oportunidade de se autoavaliar para compreender seu desempenho na docência e seu desempenho no processo de aprendizagem. Para os professores, este método de avaliação é uma boa opção para incluir os alunos na parte burocrática da escola, permitindo-lhes calcular níveis, pensar

nos problemas que encontram e descobrir melhorias e soluções para os mesmos. No entanto, isso não é abrir mão do trabalho dos alunos. É necessário que os professores tenham em mente um planejamento objetivo na hora de aplicar a tal avaliação, antes de preparar os alunos e explicar como ela funciona, para que não haja dúvidas no momento do processo auto avaliativo.

O planejamento do professor é muito importante. Torná-lo flexível não significa que não se definam objetivos ou roteiros. É preciso fazer um balanço permanente entre os objetivos delineados e os rumos tomados pelo grupo de estudantes, mesclando aulas expositivas, discussões, tarefas coletivas, tarefas individuais. Da mesma forma, a seleção de conteúdos proposta pela escola precisa ser lida criticamente, analisando-se tais propostas em sua essencialidade (HOFFMANN, 2006, p. 43).

Uma vez que o professor conceitua e explica o método para os alunos, a primeira vez que se usa o método deve ser feita com cuidado e sempre com o professor atento e auxiliando os estudantes. A parceria e o compromisso aluno/professor é primordial para que o estudante tome confiança e analise seus erros e acertos, como bem diz Martinez:

[...] sem dúvida, a autoavaliação é um momento essencial do processo geral de avaliação, como elemento corretor para chegar aos objetivos pessoais assumidos, e só é possível dentro de uma comunicação individualizada professor-aluno, tendo metas qualitativas concretas a alcançar na atividade e não um resultado centrado na pessoa, que atende contra a autoestima. (MARTINEZ, 2003, p.178)

A confiança entre professor e aluno instiga o estudante a ir mais além. Quanto este observa e estabelece objetivos claros, passa a ficar mais confiante e percebe que a avaliação não é um ato maldoso do sistema de educação, outrossim, um trabalho importante feito por ele, pelo professor e pela instituição.

Ao discutir o conceito de avaliação escolar, percebe-se que ainda existem muitos pontos que merecem debate e discussão. A avaliação é necessária porque está incluída nos parâmetros curriculares nacionais, faz parte do sistema. Porém, o que precisa ser entendido é que além das leis que nos regem, existem outras formas de avaliar e aqui expõe-se a necessidade constante de professores e escolas participarem das discussões e resolverem da melhor forma possível os problemas que afetam os alunos e todos os envolvidos na educação escolar.

Outro item a ser observado diz respeito a contribuição de todos para a vida escolar. Em uma sociedade onde existem tantas diferenças, é hora de entender que a avaliação precisa ser inserida em cada nova condição de aprendizagem que existe. Nossos alunos não são iguais, portanto não podemos nivelar a todos com a mesma forma avaliativa.

Estamos todos sujeitos a adaptações, que geram conflitos e contradições que precisam ser continuamente refletidos, visando uma conciliação já que não se pode viver em meio às dúvidas. Precisamos, todos, estarmos atentos àquilo que se faz e se realiza, e no processo de avaliação lidamos com pessoas dotadas de sentimentos, dúvidas, conhecimentos e que podem muito bem ser partilhados entre os demais. Entre as pontes que se constrói ao longo da vida com outros de nosso convívio se aprende e isto é inegável e imutável.

A avaliação é um processo abrangente, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências e dificuldades a fim de possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos que impedem a aprendizagem dos alunos. Avaliar não é um ato estático, e sim algo que está sempre se modificando e o professor deve modificar suas práticas a cada avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o que nos exige o mundo atual, urge ressaltar que, quaisquer que sejam os modelos de avaliação escolhidos (prova operatória, prova interdisciplinar, atividades coletivas como jogos, competições, resoluções de charadas e crimes, estudos de caso, projetos etc.), alguns aspectos básicos não podem ser esquecidos, como a relação com o Ler e o Escrever; a possibilidade da argumentação e da interação; a contextualização, a significatividade e a pertinência das questões, que devem variar e não se limitar meramente ao aspecto da memorização; a elaboração de textos e proposições claros para o aluno e a adequação ao tempo de realização.

Penso que a percepção de que a avaliação não se resume ao seu caráter somativo apenas deve ficar muito clara entre todos nós educadores, , como também diagnóstico e formativo, além de servir como excelente instrumento para avaliarmos nosso planejamento e sua consecução.

Nesse contexto, a avaliação, seja no formato da prova ou não, não pode ser encarada como um momento de “acerto de contas”, de empoderamento do professor, mas especialmente como um momento privilegiado de ensino e aprendizagem, devendo ser percebida como uma continuação e um prosseguimento das aulas, não um sofrimento para professores e alunos, nem na execução nem na correção.

Analisando os aspectos apresentados no decorrer desta pesquisa, fica perceptível que a avaliação classificatória ainda está presente nas escolas e que os métodos utilizados ainda não são de uma aprendizagem inovadora. Assim, fica evidente que a verdadeira finalidade da avaliação da aprendizagem escolar deve ser a de uma avaliação acolhedora, inclusiva e interativa entre os sujeitos do processo.

Encaro a avaliação da aprendizagem escolar como um ato amoroso, que deverá me auxiliar a diagnosticar a tomada de decisões que facilitem o processo de ensino/aprendizagem dos estudantes, facilitando minha compreensão das dificuldades apresentadas e ajustando-as para reconstruir os conhecimentos. Não é uma tarefa fácil, mas com certeza um desafio a ser superado e que somente será efetivo a partir ações concretas para tornar a avaliação não um processo fim, mas um meio para alcançar a aprendizagem de todos.

REFERÊNCIAS

CHALITA, Gabriel. **Educação: A Solução Está no Afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos do Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEPRESBITERIS, Léa; TAVARES, Marialva Rossi. **Diversificar é preciso... Instrumentos e Técnicas de Avaliação de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar Para Promover: As Setas do Caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

_____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Mediação, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar.** Revista Ande nº. 6, p.11 - 9. 1982

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Avaliação da Aprendizagem na Escola: Reelaborando Conceitos e Recriando a Prática.** Salvador: Malabares comunicação e eventos, 2003.

_____. **Avaliação da aprendizagem; visão geral.** Entrevista concedida ao Jornalista Paulo Camargo, São Paulo, publicado no caderno do Colégio Uirapuru, Sorocaba, estado de São Paulo, por ocasião da Conferência: Avaliação da Aprendizagem na Escola, Colégio Uirapuru, Sorocaba, SP, 8 de outubro de 2005. Disponível em http://www.luckesi.com.br/textos/art_avaliacao/art_avaliacao_entrev_paulo_camargo_2005.pdf. Acessado em 30-05-2021.

MARTINEZ, Albertina M. **Criatividade, personalidade e educação.** 3.ed. Campinas: Papyrus, 2003.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas.** Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

PIAGET, Jean. **Para Onde Vai a Educação.** Rio de Janeiro: Summus, 1988.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola. Editorial, 2009.

RONCA, Paulo Afonso Caruso; TERZI, Cleide do Amaral. **A Prova Operatória – contribuições da Psicologia do Desenvolvimento.** São Paulo: EDESPLAN, 1991.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que Avaliar?: Como Avaliar? Critérios e Instrumentos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: Concepção Dialética Libertadora do Processo de Avaliação Escolar.** São Paulo: Libertad, 1995.

VIEIRA, Josenia Antunes et al. **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.